

20



A ética de Spinoza: a filosofia da libertação

Luiz Felipe Bergmann

Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Toledo

DOI: [10.47573/aya.5379.2.79.20](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.79.20)

RESUMO

A Ética de Spinoza como fundamento filosófico para a liberdade humana é o tema deste artigo. Saber se, e em que medida, o pensamento do autor, expresso em sua obra, nos fornece caminhos para a liberdade será a matéria a ser investigada. Para tanto as atenções estarão centradas em dois aspectos lecionados pelo autor: a ideia de Deus, aquela cultuada pela maioria dos seres humanos, que concebe um Deus com livre arbítrio e age movido por um fim, contraposta a ideia de Deus apresentada pelo autor, e, a liberdade em relação aos afetos, ou, a servidão humana aos afetos. Ambos os aspectos levam os seres humanos a determinada servidão, sempre em decorrência dos preconceitos que eles, os humanos, alimentam em relação a estes aspectos. Servidão a Deus, concebido como dotado de livre arbítrio, de vontade, e que age movido por finalidades, o que conduz a necessidade de intérpretes para sua vontade, e a servidão humana às paixões.

Palavras-chave: liberdade em Spinoza. Deus em Spinoza. filosofia da liberdade.

ABSTRACT

Spinoza's Ethics as a philosophical foundation for human freedom is the subject of this article. Knowing whether, and to what extent, the author's thought, expressed in his work, provides us with paths to freedom will be the matter to be investigated. To this end, attention will be focused on two aspects taught by the author: the idea of God, the one worshiped by most human beings, who conceives of a God with free will and acts driven by an end, opposes the idea of God presented by the author, and, freedom in relation to affections, or, human bondage to affections. Both aspects lead human beings to a certain bondage, always due to the prejudices that they, humans, harbor in relation to these aspects. Servitude to God, conceived as endowed with free will, with a will, and who acts driven by ends, which leads to the need for interpreters for his will, and human servitude to passions.

Keywords: liberdade em Spinoza; Deus em Spinoza; filosofia da liberdade.

INTRODUÇÃO

A liberdade e a felicidade são temas que acompanham o ser humano desde tempos imemoriais. A vida dos seres humanos se move, em grande medida, em torno destas aspirações. Spinoza dedicou a sua principal obra filosófica, a *Ética*, a estes aspectos, colocando a liberdade de pensamento e de expressão como bens mais preciosos para o homem.

Este artigo aborda estas questões centrais para a humanidade, segundo a percepção do filósofo citado. E o faremos destacando duas dimensões da liberdade em Spinoza.

A primeira é a ideia de Deus, apresentada como causa de si, infinito, eterno, infinitamente potente, e “que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir” (SPINOZA, 2017, p. 11). Deus não é dotado de livre arbítrio, não age movido por finalidades, não tem vontade, não pune os maus e não distribui prêmios aos bons. (SPINOZA, 2017, p. 63-65). Esta ideia de Deus liberta os homens da concepção divina que domina a maior

parte dos humanos, e liberta os homens daqueles que se apresentam como representantes de Deus na Terra, e das organizações que eles criaram em torno desta crença.

A segunda dimensão de liberdade que a filosofia de Spinoza permite aos homens experimentar é a superação dos preconceitos e das paixões, e esta se dá com o desenvolvimento do intelecto, com a busca última da beatitude humana.

A filosofia spinoziana rompe com as concepções filosófica e religiosa dominante em sua época, as quais tinham o finalismo como concepção central. No apêndice da Primeira Parte de sua ética o autor diz que “... os homens pressupõem, em geral, que todas as coisas naturais agem, tal como eles próprios, em função de um fim, chegando mesmo a dar como assentado que o próprio Deus dirige todas as coisas tendo em vista algum fim preciso,...”. (SPINOZA. 2017, p. 65).

Ao tratar os afetos, ou as paixões, como “coisas naturais, que seguem as leis comuns da natureza” (SPINOZA. 2017, p. 161) e revelar que estes só podem ser superados por outro afeto, e que a razão pode ser fonte de afetos, o autor traça preceitos que permitem aos seres humanos se libertar dos afetos negativos, ou das paixões, e estes preceitos permitem a superação dos preconceitos, por meio do desenvolvimento do intelecto. Estas duas questões ora apresentadas justificam o estudo, a reflexão e o debate em torno da Ética de Spinoza, e foram estas as razões que nos motivaram a escrever este artigo e o justificam.

O artigo toma como base para seu desenvolvimento unicamente a obra acima citada. As referências a obra do autor serão feitas usando a norma científica aplicável à produção de artigos científicos, ou serão feitas usando a forma adotada pelo autor, que é fazer referências usando as expressões prop. para proposições, seguido da letra P e número, para referir à parte da obra em análise, como, por exemplo. prop. 3, p. 1, para a proposição 3 da Primeira Parte.

A ÉTICA DE SPINOZA COMO FUNDAMENTO FILOSÓFICO PARA A LIBERTAÇÃO DOS PRECONCEITOS RELIGIOSOS

A religiosidade, as crenças e as práticas religiosas, a concepção de Deus, são questões centrais na filosofia através dos séculos e que se mantêm nos tempos atuais. Neste contexto estudar e refletir sobre este tema sempre assume importância relevante na filosofia e na sociedade.

É certo que as religiões e as igrejas, estas enquanto organizações, exercem grande influência sobre os seres humanos e sobre a organização da sociedade como um todo. Sob alguns aspectos esta influência pode ser, não necessariamente, positiva. Uma como as outras podem ser usadas como instrumentos de dominação dos homens, como a realidade atual demonstra com bastante nitidez. A Ética de Spinoza, especialmente na Primeira Parte, onde ele desenvolve a sua concepção de Deus, expressa uma ideia sobre o tema que se coloca fora da linha dominante na filosofia, e oferece um caminho para libertar os seres humanos da dominação que religiões e igrejas exercem. Este é o tema deste capítulo.

Na Primeira Parte da Ética o filósofo explica, em suas palavras, a natureza de Deus e suas propriedades e trata dos preconceitos que poderiam impedir que suas demonstrações fossem compreendidas. Na compreensão do autor todos os preconceitos que ele se propõe a expor

e afastar dependem de um único, a saber, o de que “os homens pressupõem, em geral, que todas as coisas naturais agem, tal como eles próprios, em função de um fim” (SPINOZA, 2017, p. 65). Mas não só os homens agiriam em função e movidos por um fim. Acreditam eles que “o próprio Deus dirige todas as coisas tendo em vista algum fim preciso” (SPINOZA, 2017, p.65). E, para além desta crença, de que Deus age visando um fim, os homens acreditam que “Deus fez todas as coisas em função do homem, e fez o homem, por sua vez, para que lhe prestasse culto.” (SPINOZA, 2017, p. 65). Mostrando a falsidade deste preconceito, o autor afirma que dele decorrem os outros, a saber: “os preconceitos sobre o bem e o mal, os do mérito e do pecado, do louvor e da desaprovação, da ordenação e da confusão, da beleza e da feiura...” (SPINOZA, 2017, p. 65). Segundo o autor estas noções são apenas fruto da imaginação dos homens, e apenas revelam a própria constituição da imaginação, sem indicar a natureza das coisas: “todas estas noções que o vulgo costuma utilizar para explicar a natureza não passam de modos do imaginar e não indicam a natureza das coisas, mas apenas a constituição de sua própria imaginação”. (SPINOZA. 2017, p. 73). Ainda conforme autor, “todos os homens nascem ignorantes das causas das coisas e que todos tendem a buscar o que lhes é útil, estando cientes disso”. (SPINOZA, 2017, p. 65) (grifo nosso) E “por estarem conscientes de suas volições e de seus apetites, os homens se creem livres, mas nem em sonho pensam nas causas que os dispõem a ter estas vontades e apetites” (SPINOZA. 2017. P. 65). Os homens agem em função da coisa que apetezem. E por não saber as causas das coisas e de suas vontades, atribuem-nas a um provedor da natureza, que tudo teria criado para o seu proveito (2017).

Destes preconceitos, derivados da concepção de um Deus que age visando um fim, pune os bons (entendendo-se por bons os que agem conforme a sua vontade), e castiga os maus (aqueles que não respeitam ou seguem a sua vontade), derivam os preconceitos, anteriormente referidos, cultuados pelos homens. Desta concepção resulta que se Deus tem vontade, a vontade de Deus tem que ser revelada, interpretada, e para isto é necessário que existam, entre os homens, os intérpretes da vontade de Deus. Esta necessidade, a de que a vontade de Deus tenha que ser interpretada, deu origem às religiões e dos que se apresentam como intérpretes da vontade de Deus, bem como foi o elemento criador das igrejas.

A concepção spinoziana de Deus e da ordem da natureza, a qual ele entende como necessária, rompe com as ideias filosóficas predominantes de sua época, e estas ainda se mantêm amplamente influentes na sociedade atual, notadamente no mundo ocidental. Como anteriormente demonstrado, a concepção que o autor rejeita compreende Deus como detentor de vontade e que age segundo um fim, concepção que o autor classifica como preconceituosa e que domina as mentes humanas, pois estes pressupõem que a natureza também age em função de um fim.

Nas proposições da Primeira Parte da Ética, e sintetizadas no Apêndice, o autor mostra sua concepção de Deus ou, nas suas palavras, da natureza de Deus e suas propriedades:

“Com isso expliquei a natureza de Deus e suas propriedades: que existe necessariamente; que é único; que existe e age exclusivamente pela necessidade de sua natureza; que (e de que modo) é causa livre de todas as coisas; que todas as coisas existem em Deus e dele dependem de tal maneira que não podem existir nem ser concebidas sem ele; que, enfim, todas as coisas foram predeterminadas por Deus, não certamente pela liberdade de sua vontade, ou seja, pelo absoluto beneplácito, mas por sua natureza absoluta, ou seja, por sua infinita potência”. (SPINOZA. 2017, p. 63)

A passagem em destaque confirma o anteriormente afirmado acerca da concepção

spinoziana: Deus existe necessariamente (a sua essência envolve a existência), é causa de si (Definição 1. p. 1), é “um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (SPINOZA. 2017. P. 13). É livre e age necessariamente:

“Diz-se livre a coisa que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir. E diz-se necessária, ou melhor, coagida, aquela coisa que é determinada por outra a existir e a operar de maneira definida e determinada.” (SPINOZA. 2017. P.13)

Deus, para o filósofo, não só não tem vontade, não tem liberdade para agir, mas, ao contrário, age por necessidade de sua natureza absoluta e pela sua infinita potência. Isto está expresso na prop. 33, p.1: “As coisas não poderiam ter sido produzidas por Deus de outra maneira nem em qualquer outra ordem que não naquelas em que foram produzidas”. (SPINOZA. 2017. p. 57) Com isto o autor concilia em sua filosofia as ideias de liberdade e necessidade, não como contrapostas, prop. 7, p. 1, e reafirmada na prop. 33, p.1, porque Deus age necessariamente. E desta potência e necessidade divinas seguem infinitas coisas, de infinitas maneiras diferentes, conforme estabelecido na prop. 16, p.1. As coisas acontecem na natureza numa sequência de causa e efeito até o infinito, como esclarecido pelas prop. 28 e 36, p 1, e são necessárias, conforme a prop.

29. P.1. A ideia de que as coisas e os homens agem por necessidade, e não por vontade, ou seja, o homem não tem vontade, não tem livre arbítrio, está expressa na prop. 32, p.1. O autor destaca, inclusive, que a liberdade que os homens atribuem a Deus representa um obstáculo à ciência, o que é uma conclusão coerente com a filosofia que desenvolveu, pois tal crença os induz e os conduz a ignorar as verdadeiras causas da natureza, levando-os a se conformarem com os preconceitos que desenvolveram acerca de Deus e da realidade.

Demonstrada a concepção que Spinoza tem de Deus podemos concluir, como nos propomos, que a filosofia spinoziana representa um caminho importante para que os seres humanos se libertem dos preconceitos que alimentam em relação a Deus e suas propaladas propriedades: de que tem vontade, que pune ou premia os homens e, sobretudo, liberta-os da necessidade de intérpretes da vontade de Deus. A concepção spinoziana de Deus dispensa a existência de religiosos e suas organizações que, em boa parte, aproveitando-se da ignorância e dos preconceitos alimentados pelos humanos, procuram mantê-los nesta condição, para proveito seu e de suas organizações. Conforme nos ensina Spinoza na prop.16, p. 1, “Da necessidade da natureza divina devem se seguir infinitas coisas, de infinitas maneiras (isto é, tudo o que pode ser abrangido sob um intelecto divino)” (SPINOZA. 2017, p. 37) O que resta aos homens, como veremos a seguir, é apreender e compreender ao máximo a criação de Deus, para viver de acordo com a sua criação, pois,

“aperfeiçoar o intelecto não é senão compreender a Deus, os seus atributos e as ações que se seguem da necessidade de sua natureza. Por isso, o fim último do homem que se conduz pela razão, isto é, o seu desejo supremo, por meio do qual procura regular todos os outros, é aquele que o leva a conceber, adequadamente, a si mesmo e a todas as coisas que podem ser abrangidas sob seu intelecto ” (SPINOZA. 2017, p. 351).

E, “O bem supremo da mente é o conhecimento de Deus e a sua virtude suprema é conhecer Deus” prop. 28, p.4 (SPINOZA. 2017. p. 295).

A Ética de Spinoza como fundamento filosófico para a libertação das paixões

Spinoza finaliza sua obra filosófica anunciando que concluiu tudo o que “queria demonstrar a respeito do poder da mente sobre os afetos e sobre a liberdade da mente” (SPINOZA. 2017. p. 411). A liberdade em relação aos afetos, ou, a libertação dos afetos, será objeto de análise neste capítulo, bem como os caminhos que o autor aponta para alcançar esta condição, que é o poder da mente sobre os afetos e, conseqüentemente, a liberdade da mente e, esta, em grau máximo, que é a beatitude.

No desenvolvimento da exposição destacaremos algumas das proposições do autor que tratam deste tema.

O autor inicia a Terceira Parte de sua Ética tratando da origem e da natureza dos afetos, expondo a sua compreensão sobre os mesmos, de suas virtudes, e do poder da mente sobre eles. Compreende-os como “coisas naturais, que seguem as leis comuns da natureza” (SPINOZA, 2017. p. 161), ao contrário daqueles que, segundo ele, trataram dos afetos como coisas não naturais, por entenderem que “em vez de seguir a ordem da natureza, o homem a perturba, que ele tem uma potência absoluta sobre suas ações, e que não é determinado por nada mais além de si próprio” (SPINOZA. 2017. p. 161). O filósofo trata dos afetos usando o mesmo método pelo qual abordou os outros temas de sua filosofia, em ordem geométrica, “como se fossem uma questão de linhas, de superfícies ou de corpos”. (SPINOZA. 2017. p.163)

Os afetos (def. 3, p. 3), são definidos como “as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias destas afecções” (SPINOZA. 2017. p. 163). E na explicação a esta definição SPINOZA (2017) esclarece que quando podemos ser a causa adequada de alguma afecção, o afeto é uma ação e, em caso contrário, é uma paixão.

Para Spinoza (2017. p. 263) a servidão do homem é a impotência deste em regular ou refrear os afetos. Nesta condição, submetido aos afetos, não tem controle sobre si, mas está submetido ao comando do acaso, a um ponto tal que muitas vezes é forçado a, mesmo percebendo o que é melhor para si, fazer o pior.

O homem está sujeito a muitas flutuações de ânimo, que expressam sua ignorância a respeito do mundo e das causas destas flutuações. Conforme o autor constata:

“Pelo que foi dito, fica evidente que somos agitados pelas causas exteriores de muitas maneiras e que, como ondas do mar agitadas por ventos contrários, somos jogados de um lado para outro, ignorantes de nossa sorte e de nosso destino”. (SPINOZA. 2017. p. 237)

A superação dos afetos é condição necessária para alcançar a liberdade ou, esta em grau máximo, a beatitude. Mas as paixões só podem ser refreadas ou anuladas por um afeto contrário e que seja mais forte que aquele a ser refreado, conforme prop. 7, p. 4. Veja-se a prop. 14, p. 4: “O conhecimento verdadeiro do bem e do mal, enquanto verdadeiro, não pode refrear qualquer afeto; poderá refreá-lo apenas enquanto considerado como afeto”. (SPINOZA. 2017. p. 283). Mas, como ensina o filósofo, “Um afeto que é uma paixão deixa de ser uma paixão assim que formamos dele uma ideia clara e distinta”, (prop. 3, p. 5), e ideias claras e distintas só podem ser desenvolvidas pela razão, ou pela superação da ignorância, pois, “não há nenhuma afecção

do corpo da qual não possamos formar algum conceito claro e distinto”. Prop. 4, p. 5.

Na filosofia de Spinoza não há livre arbítrio. Tudo é necessário. Desta constatação decorre que “À medida que a mente compreende as coisas como necessárias, ela tem um maior poder sobre seus afetos, ou seja, deles padece menos”. prop. 6, p. 5. Portanto, a mente tem o poder de superar as paixões, contanto que tenha delas uma ideia clara e distinta.

E, a par desta condição intelectual, o autor aponta outro caminho para superação dos afetos, para a libertação da servidão das paixões ou, nas suas palavras, o “caminho que conduz à liberdade” (SPINOZA, 2017, p. 365). Um afeto só pode ser vencido por um outro que lhe é mais forte, e isto pode ser alcançado pois a razão também é fonte de afetos.

A razão pode ser fonte de emoções pois a nossa mente age quando tem ideias adequadas, ou melhor, necessariamente age e, quando tem ideias inadequadas, ela necessariamente padece (2017). Estabelece o autor, assim, uma relação direta entre a razão é a força da mente sobre os afetos, pois o desenvolvimento do intelecto permite ao ser humano ter um controle maior de suas paixões.

A essência humana está no esforço por perseverar em seu ser, como o autor a caracteriza na prop. 7, p. 4: “O esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual” (SPINOZA. 2017. p. 175), e a vontade, o esforço, o apetite de viver, chamado de conatus, é o desejo de viver. “A mente, quer enquanto tem ideias claras e distintas, quer enquanto tem ideias confusas, esforça-se por perseverar em seu ser por uma duração indefinida, e está consciente desse seu esforço”. (SPINOZA. 2017. p. 175) Portanto, conatus é o apetite (pois referido simultaneamente à mente e ao corpo (2017), que “nada mais é do que a própria essência do homem, de cuja natureza necessariamente se seguem aquelas coisas que servem para a sua conservação, e as quais o homem está, assim, determinado a realizar” (SPINOZA. 2017. p.177). Somado ao afeto do conatus, o filósofo (2017) reconhece outros dois, que ele classifica de primários: a alegria e a tristeza, pois destes três decorrem todos os demais. (prop. 9, Escólio e prop. 11, Escólio p.3). A alegria é a paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior e, a tristeza é uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor (2017. p. 177) A alegria é o afeto que aumenta a potência de agir, enquanto a tristeza diminui esta potência. Resta claro, pois, que a alegria alimenta o esforço do homem em preservar em seu ser. Isto está esclarecido pela prop. 18, p. 4: “O desejo que surge da alegria é, em igualdade de circunstâncias, mais forte que o desejo que surge da tristeza.”. E, na demonstração à mesma proposição, o autor afirma que “O desejo é a própria essência do homem ... Por isso, o desejo que surge da alegria é estimulado ou aumentado pelo próprio afeto da alegria...”. Ao contrário, “o afeto que surge da tristeza é diminuído ou refreado pelo próprio afeto da tristeza”. (SPINOZA. 2017. p. 285/287). Já na prop. 53, p. 3. O autor afirma que: “quando a mente considera a si própria e sua potência de agir, ela se alegra, alegrando-se tanto mais quanto mais distintamente imagina a si própria e a sua potência de agir”. (SPINOZA. 2017. p. 225). E, “Além da alegria e do desejo que são paixões, há outros afetos de alegria e de desejo que a nós estão relacionados à medida que agimos”. (SPINOZA. 2017, p. 35), prop. 58, p. 3) “A mente evita imaginar aquelas coisas que diminuem ou refreiam a sua potência e a do corpo”, prop. 13, p. 3, corolário e, “o ódio nada mais é do que a tristeza, acompanhada da ideia de causa exterior” e, “aquele que odeia esforça-se por afastar e destruir a coisa que odeia”, prop. 13, p. 3, Escólio. A mente, à medida que tem ideias adequadas, necessariamente age.

Portanto, se, nas palavras do autor, “o desejo que surge da alegria é, em igualdade de circunstâncias, mais forte que o desejo que surge da tristeza”, podemos concluir que o afeto da alegria, quando em igualdade de circunstâncias com o afeto que surge da tristeza, que nestas circunstâncias a alegria supera a tristeza.

Na Quinta Parte Spinoza esclarece que:

“Como, portanto, a potência da mente, tal como antes mostrei, é definida exclusivamente pela inteligência, nós determinaremos os remédios contra os afetos – que todos, com certeza, conhecem por experiência, mas que creio, nem observam cuidadosamente, nem veem distintamente – pelo conhecimento exclusivo da mente, e desse conhecimento deduziremos tudo o que diz respeito à beatitude.” SPINOZA. 2017. p. 369).

E, já na Segunda Parte, o autor esclarece que somente o conhecimento do segundo e do terceiro gênero nos ensina a distinguir o verdadeiro do falso, aquele, o conhecimento do segundo gênero, originado das “noções comuns e ideias adequadas das propriedades das coisas” e, o terceiro gênero, ou ciência intuitiva, que “parte da ideia adequada da essência formal de certos atributos de Deus para chegar ao conhecimento adequado da essência das coisas”. (SPINOZA. 2017 p. 135)

O amor também é fonte de superação de paixão, mas especificamente da paixão do ódio, que, como vimos, refreia a potência da mente. O amor pode destruir o ódio (prop. 43, p. 3) e, pela prop. 44, p. 3: “o ódio que é inteiramente vencido pelo amor converte-se em amor, e o amor é, por isso, maior do que se o ódio não tivesse o precedido” (SPINOZA. 2017, p. 215).

No prefácio à Quinta Parte Spinoza leciona sobre a potência da mente.

“Como, portanto, a potência da mente, tal como antes mostrei, é definida exclusivamente pela inteligência, nós determinaremos os remédios contra os afetos – que todos, com certeza, conhecem por experiência, mas que creio, nem observam cuidadosamente, nem veem distintamente – pelo conhecimento exclusivo da mente, e desse conhecimento deduziremos tudo o que diz respeito à beatitude.” (SPINOZA. 2017. p. 369)

Portanto, estes são os caminhos que o autor aponta para que a mente supere as paixões e conduza à liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do artigo foi investigar se, e em que medida, a Ética de Spinoza pode ser um caminho para a liberdade humana, especialmente em dois dos aspectos apresentados na obra do autor: a libertação em relação à ideia de um Deus dotado e livre arbítrio, dominador e que ordena as coisas em busca de um fim, e a servidão do homem caracterizada pela impotência deste em regular ou refrear os afetos.

Com a apresentação e o estudo da concepção que Spinoza tem de Deus podemos concluir que a filosofia spinoziana representa um caminho importante para que os seres humanos se libertem dos preconceitos que alimentam em relação a Deus e suas propaladas propriedades: de que tem vontade, que pune ou premia os homens, mas, e sobretudo, liberta-os homens de buscar intérpretes da vontade de Deus.

A concepção spinoziana de Deus dispensa a existência de religiosos e suas organizações que, em boa parte, aproveitando-se da ignorância e dos preconceitos alimentados pelos

humanos, procuram mantê-los nesta condição, para proveito seu e de suas organizações. E este é um tema atual e que assume grande importância especialmente que existem ramos religiosos, que mantêm igrejas, que pregam a chamada “teologia da prosperidade”, prometendo que Deus liberta os homens das agruras materiais. Consta-se que esta pregação levada a efeito por estes autoproclamados intérpretes da vontade de Deus é uma armadilha de dominação perigosa em tempos de aumento da miséria material para a grande maioria das pessoas.

A esta concepção Spinoza, como demonstramos, opõe a ideia de Deus sem livre arbítrio, que como decorrência de sua infinita potência age necessariamente, pois da necessidade de sua natureza, da qual devem se seguir infinitas coisas, de infinitas maneiras. O que resta aos homens é apreender e compreender ao máximo a criação de Deus, para viver de acordo com a sua criação, pois o bem maior da mente é o conhecimento de e em Deus.

Quanto a libertação das paixões o autor aponta os caminhos que levam à liberdade.

Um afeto só pode ser superado por outro afeto que lhe seja mais forte. Na filosofia de Spinoza não há livre arbítrio pois tudo é necessário, assim, à medida que compreendemos as coisas como necessárias temos um maior poder sobre os afetos, como nos ensina o autor.

A razão pode ser fonte de afetos e, nesta condição, podemos vencer as paixões negativas. O autor nos ensina que uma paixão deixa esta condição assim que formamos dela uma ideia clara e distinta, e ideias claras e distintas só podem ser desenvolvidas pela razão, ou pela superação da ignorância, pois podemos formar ideias claras e distintas de todas as paixões.

Além deste caminho, o autor aponta a alegria, que ao contrário da tristeza, é o afeto que aumenta a potência de agir, e o desejo que surge da alegria é estimulado ou aumentado pelo próprio afeto da alegria.

O autor aponta ainda outro afeto que pode ser superado, que é o ódio, este que refreia a potência da mente. O amor pode destruir o ódio e, uma vez que o amor supera o ódio, este amor é maior do que se o ódio não o tivesse precedido.

Eram estas as conclusões a que nos propomos chegar.

REFERÊNCIAS

SPINOZA, *Ética*. BELO HORIZONTE. 2017. Autêntica.